

As aceleradas mudanças tecnológicas que vêm ocorrendo no âmbito da produção audiovisual exigem reflexão e alterações ágeis na filosofia do ensino e nos procedimentos pedagógicos e de pesquisa que são determinados pelas novas condições técnicas.

Essas mudanças causam, eventualmente, contradições que devem ser discutidas e avaliadas para alcançar, se possível, um denominador comum que nos permita criar estruturas de ensino compatíveis com a nova realidade.

O aparato técnico é um elemento central na definição do produto e das condições de recepção em cinema e televisão. Cada avanço tecnológico aplicado à realização de um filme, de um vídeo ou de um programa de televisão possibilita uma nova forma de "realismo" ou de fantasia e um novo patamar de comunicação. É assim desde o início da história das imagens.

Os problemas que se apresentam para o acompanhamento dessas mudanças são comuns a todos os países e tocam não só as questões econômicas e técnicas, mas atingem profundamente as transformações da linguagem audiovisual. No entanto, nos países ditos em desenvolvimento, encontramos um agravante no que diz respeito ao lado econômico e técnico:

MARIA DORA GENIS MOURÃO

As novas tecnologias e o ensino de cinema

MARIA DORA GENIS MOURÃO foi chefe do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA-USP.

a necessidade das escolas e/ou cursos estarão sempre atualizados do ponto de vista do desenvolvimento tecnológico se choca com a situação concreta da falta de recursos. Uma pesquisa efetuada no âmbito do Centre International de Liaison des Écoles de Cinéma et de Télévision (CILECT), pelo prof. Nenad Puhovski, da National Film and Television School (NFTS) de Londres, demonstrou que é possível encontrar um meio-termo que dê condições razoáveis de formação, através de formatos semiprofissionais, sem comprometer a qualidade do ensino e da pesquisa, e a um custo condizente com a situação econômica de cada escola.

Dessa maneira, cabe à universidade discutir e apontar caminhos que, por um lado, permitam uma aproximação com a realidade do mercado profissional e, por outro, procurem alternativas tecnológicas e culturais capazes de criar produtos representativos e passíveis de se inserirem no mercado internacional.

Alguns podem julgar que é na universidade que se deveria estar fazendo a pesquisa necessária para chegar aos equipamentos de ponta, permitindo, assim, uma atualização constante. Não é bem isso o que acontece atualmente: a maioria das universidades, principalmente as do Terceiro Mundo, não tem estrutura econômica que lhes dê condições de desenvolver pesquisas diretamente relacionadas à invenção de equipamentos usados pelos meios de comunicação. Por ser um mercado altamente competitivo, que está nas mãos de grandes empresas multinacionais, o investimento direcionado para o avanço tecnológico é muito grande e o retorno dos resultados deve ser rápido o suficiente para que permita a manutenção do domínio do mercado. Na verdade, não consideramos que este deva ser o papel da universidade. Pelo seu caráter de investigação, ela deve estar sempre atenta à pesquisa de ponta, inclusive participando dela, mas sem esquecer sua condição de centro de ensino e de reflexão. Assim, é na empresa privada que estão as condições de desenvolvimento de novos equipamentos e sistemas. No entanto, corremos o risco de criar um abismo entre o "saber" e o "mundo da produção". A solução para esse problema é fazer uma ponte entre as escolas e as empresas para que o ensino e a pesquisa não fiquem comprometidos.

No caso do Brasil, por exemplo, a partir do desenvolvimento da televisão, houve um

crescimento do mercado publicitário principalmente na década de 80. Esse mercado se construiu a partir de pessoas advindas do cinema e que imprimiram uma qualidade altamente sofisticada aos filmes publicitários. Foi em função desse segmento, onde o preço médio de um comercial estava entre os 200 e 300 mil dólares, chegando até a 1 milhão de dólares, que houve um investimento maciço nas novas tecnologias. Dessa maneira, encontramos hoje no mercado profissional produtoras instaladas com equipamentos de primeiríssima linha e que mantêm uma atualização constante através da aquisição de lançamentos.

Na verdade, é nas produtoras de comerciais que estão sendo feitas as pesquisas mais avançadas referentes ao uso das novas tecnologias. Há que se criar condições de trazer essas pesquisas para dentro das universidades justamente para não ocorrer um divórcio entre o puramente tecnológico e a formação humanística, que permitirá ao realizador desenvolver sua capacidade criativa e reflexiva.

Dessa maneira, no que diz respeito à pesquisa e ao ensino propriamente dito, deve-se discutir a adequação necessária das estruturas curriculares e das metodologias de pesquisa à questão das novas tecnologias.

DIÁLOGO CINEMA, VÍDEO, TELEVISÃO

Sabemos das relações existentes entre o cinema, o vídeo e a televisão como veiculadores de imagens e sons. Assim, devemos partir do princípio de que, cada vez mais, há um diálogo entre essas mídias que nos permite dizer que, do ponto de vista da realização propriamente dita, as novas tecnologias criaram possibilidades de intercambiar equipamentos e sistemas independentemente do produto final.

Assim temos que, do ponto de vista da captação de imagens, a obra que se quer realizar pode usar como ponto de partida uma câmera cinematográfica ou uma câmera de vídeo. Após a captação de imagens e, eventualmente, de sons, faz-se todo o trabalho de pós-produção em equipamento digitalizado. Pode-se manter o resultado final em vídeo ou em película, a escolha dependerá do objetivo a ser atingido.

No entanto, essa interação técnica não significa que haja uma interação também nas linguagens. Do ponto de vista da produção de mensagens, cada uma das três mídias

trabalha com estruturas diferentes de linguagem.

A televisão, por ser um meio de comunicação decorrente do rádio, trilhou, inicialmente, um caminho voltado para a difusão de acontecimentos. O surgimento do videoteipe possibilitou à televisão desenvolver-se como um meio expressivo. Dessa maneira, atualmente, o vídeo é o instrumento-base da produção televisiva, criando uma relação complexa entre as duas linguagens. Podemos dizer, inclusive, que não há mais diferenças substanciais entre o vídeo e a televisão, a não ser com aquela televisão chamada de *broadcasting* (radiodifusão).

O cinema, por outro lado, aproxima-se do vídeo muito mais no sentido de utilizá-lo como instrumento auxiliar da produção cinematográfica, uma vez que, em função de suas condições técnicas, o vídeo determina uma redução de custos em algumas das etapas do processo de realização de um filme, além de oferecer mais recursos de pós-produção, permitindo, dessa maneira, experimentar novos artifícios de linguagem passíveis de serem trabalhados através das novas técnicas introduzidas pelo vídeo aliado à computação e aos meios digitais.

É necessário, no entanto, compreender o que acontecerá com o cinema como produto cultural e como linguagem a partir do momento em que não for mais possível evitar o confronto com o vídeo. A dificuldade está no fato de que o vídeo, como arte, tem uma necessidade intrínseca de se referir ao cinema e de dialogar com ele para forjar sua identidade. Assim como o cinema, no seu início, foi buscar nas outras artes (inclusive nas ciências) os elementos necessários para a constituição do específico cinematográfico, o vídeo resgata do cinema estruturas de imagem e som passíveis de serem trabalhadas pela imagem eletrônica.

Atualmente, o sistema de produção mais estimulante é o da convergência, a mistura entre a tecnologia do vídeo, do cinema e do computador. Por exemplo, existem casos de filmes exibidos nas salas de cinema que foram realizados em vídeo de alta definição e lançados em película de 35 mm. (*O Mistério de Oberwald - Il Mistero di Oberwald* de Antonioni) ou, ainda, filmes cujas trucagens foram armadas com recursos videográficos e, posteriormente, transpostas para a película (*No Fundo do Coração - One from the Heart* de Coppola). Com o advento dos sistemas de alta definição a tecnologia do vídeo e do computador será

cada vez mais utilizada na produção cinematográfica.

Por outro lado, a Kodak está lançando um sistema chamado Cineon que consiste em trabalhar a imagem desde o seu original, negativo ou positivo, através de um monitor de vídeo e, com um *scanner* capaz de criar efeitos especiais, mudar cores e limpar a imagem. À medida que vai se trabalhando a imagem, o equipamento já manda um sinal a outro que vai fazendo a cópiagem diretamente em outra película intermediária que mantém em 100% a qualidade da original.

A multiplicidade de intersecções possíveis entre o cinema, o vídeo e a televisão cria novas configurações ainda pouco previsíveis. No entanto, é interessante salientar que a televisão é o único veículo de comunicação que permite transmitir os produtos dessas linguagens. Assim, a própria natureza de um meio que permite a integração de todos os outros determinará mudanças conceituais no que diz respeito ao modo de *ver* e de *ouvir* do ser humano.

No que se refere à questão da computação, já existem uma série de *softwares* criados especialmente para a produção de cinema e televisão e que podem ser usados pelas escolas. Por exemplo: programas de roteiro, cronogramas, orçamento, produção e até um programa para armar a constituição do elenco do filme. Assim, é fundamental que o estudante e o pesquisador estejam familiarizados com a linguagem do computador pois ele é um auxiliar privilegiado tanto no que diz respeito à produção quanto à criação.

Por outro lado, temos a multimídia interativa que está sendo utilizada para criar material didático. A partir de um disco *laser* acoplado a um programa de computador (Windows), é possível desenvolver sistemas de ensino em qualquer que seja a área. Já existem trabalhos realizados por dois professores americanos que têm como objetivo o ensino da Estética e da Economia Cinematográficas.

Essas técnicas advindas do uso interativo do computador, do vídeo e do disco *laser* permitem ao aluno raciocinar em multicamadas. Exemplo disso pode ser encontrado na maneira como se trabalha atualmente a trilha sonora de um filme. Se antes a técnica utilizada para a gravação das músicas do filme era a de colocar toda a orquestra dentro de um estúdio, a introdução da possibilidade de trabalhar em várias

pistas de som permite gravar cada instrumento separadamente, o que influencia, inclusive, a maneira dos compositores de trilhas sonoras comporem, ou seja, já preparam a trilha para o sistema de multipistas (multi-track).

Com o vídeo digital é possível trabalhar da mesma maneira, uma vez que é viável gerar a imagem em multicamadas sem perda de qualidade. Isto determina uma nova forma de raciocínio, não-linear, para o qual o estudante e o pesquisador devem estar preparados.

PERFIL DO ENSINO

De modo geral, nossas escolas ainda dão maior ênfase ao cinema pelo fato de ter uma imagem de melhor qualidade. No entanto, a evolução da pós-produção em vídeo aliado ao computador obriga a se ter conhecimento desses sistemas justamente para que se possa ficar à vontade no domínio dessas tecnologias e, dessa maneira, não se deslumbrar com suas possibilidades de uso.

Chegamos neste momento a uma questão crucial. A adequação necessária das estruturas curriculares e dos métodos de pesquisa estão sendo exigidas por um mercado profissional que está à frente das universidades no que diz respeito à produção.

Deparamo-nos com uma indústria que evoluiu rapidamente em termos tecnológicos e que espera que formemos profissionais capazes de sustentar essa indústria. Até hoje as escolas funcionaram quase que exclusivamente como um espaço de experimentação, enfatizando a criatividade em detrimento de uma idéia de produção voltada para o mercado de trabalho. Não se deve opor o fato criativo ao produtivo mas, se nosso interesse está numa formação que permita ao aluno inserir-se no mercado de maneira qualitativa, devemos dar importância ao ensino da produção. Não podemos esquecer que é a partir dela que se criam todas as condições para a realização audiovisual.

Por outro lado, é importante verificar qual é a indústria para a qual esse produtor será formado. Sabemos das diferenças existentes nos vários mercados, e cada escola deve fazer uma avaliação da realidade de sua região e dos interesses envolvidos para chegar a um programa de ensino condizente com as necessidades.

Outra questão que se coloca é o papel da escola como produtora. É uma discussão delicada pelo fato de não estar claro se a escola deve ser competitiva em relação ao mercado, ou se deve se ater somente à formação. De qualquer maneira, o fato de existir uma produção dentro dela deve ser levado

TRABALHOS
DESENVOLVIDOS
POR RICHARD
LOWENBERG NO
BIO-ARTS
LABORATORY, SÃO
FRANCISCO



em conta, e é a partir dessa produção que é possível fazer a aproximação com o mercado de trabalho e com a indústria. É interessante chamar atenção para o fato de que no Brasil, após a política de "terra arrasada" que o ex-presidente Fernando Collor implantou na área da cultura, o único lugar onde houve a manutenção de uma produção sistemática foi no âmbito da escola.

Devemos nos perguntar o que é esse mercado e verificar qual é o espaço que a escola tem dentro dele, uma vez que, de qualquer maneira, estamos atrelados a esse mercado pois é para ele que formamos os futuros profissionais.

Voltando ao caso brasileiro, nos deparamos com uma situação de crise do sistema produtivo extremamente séria. A falta absoluta de uma política cultural determinou que a realização cinematográfica entrasse em declínio vertiginoso chegando praticamente à estagnação. Por outro lado, a indústria televisiva ocupou um espaço importante, sendo até reconhecida internacionalmente. Somos exportadores de programas de televisão para mais de 120 países. No entanto, essa situação não é resultante de um projeto cultural mas, antes de tudo, reflete um interesse comercial.

No que diz respeito aos outros países latino-americanos, por exemplo, a situação

é muito semelhante. As circunstâncias político-econômicas do continente fizeram com que, de maneira geral, houvesse uma retração da produção cinematográfica e, em contrapartida, um avanço da produção televisiva e videográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta controvérsia deve ser avaliada pelas escolas e/ou cursos de Cinema e Televisão, a quem cabe, também, repensar o seu perfil diante dessa conjuntura.

No entanto, o panorama diante do qual nos encontramos não é dos mais animadores. A falta de uma política cultural que dimensione os interesses do país e que, por sua vez, determine os incentivos necessários ao desenvolvimento da indústria cultural reflete diretamente na questão do ensino. Diante de um mercado desordenado e sem perspectivas claras, repensar o ensino em função das novas tecnologias se torna um exercício de futurologia.

De alguma maneira deve-se enfrentar essa situação. Não é possível estruturarmos uma política de ensino audiovisual sem que a mesma esteja acompanhada de uma ordenação mais ampla que possibilite ao profissional desenvolver e aplicar seus conhecimentos no mercado de trabalho.

